

**ENTRE TEMPOS DO OUTEIRO E TEMPOS DA PRAIA:**

Identidades e patrimônios em São Bento – AL

**Marcelo Góes Tavares<sup>1</sup>****RESUMO**

Este artigo tece uma interpretação dos processos de afirmação de identidades e significação de patrimônios no povoado de São Bento em Maragogi-AL, analisando situações de pertencimento e representações histórico-culturais. Estas se materializam em meio a discursos, falas, imagens, tradições, histórias e narrativas. Evidencio, através de relatos orais, referências culturais significadas como patrimônios. Nestes, tempos antigos e presentes, e espaços como a praia e outeiro, são referências constantes nas narrativas. Na medida em que as estas narrativas (re)significam e entrecruzam territórios culturais e histórias de vida como relevantes cenários e experiências na afirmação de identidades e patrimônios, atribui-se também sentidos às tradições e práticas sociais no presente.

**Palavras-chave:** História, identidades, patrimônios.

**ABSTRACT:**

This article presents an interpretation of the processes of identity affirmation and significance of heritage in the village of St. Benedict in Maragogi-AL, analyzing situations of belonging and historical-cultural representations. These have been materialized by speeches, images, traditions, histories and narratives. Was noticed, through oral reports, cultural references meant as assets. Ancient and present times, spaces like the beach and the hill are constant references in the narratives. To the extent that these narratives (re)signify and intertwined cultural territories and life histories as relevant scenarios and experiences in the affirmation of identities and heritages, also assigns meanings to the traditions and social practices in the present.

**Keywords:** History, identities, heritages.

---

Em 2002, quando visitava o povoado de São Bento no município de Maragogi localizado no litoral norte de Alagoas, tive a oportunidade de conhecer as ruínas de uma antiga igreja situada no alto de um morro, o qual os moradores locais designam outeiro de São Bento. Neste, além das ruínas, há também dois cemitérios, um localizado aos fundos e outro ao lado. O primeiro foi construído por volta do fim dos anos 1970. Já o segundo, é contemporâneo dos tempos que construíram a antiga Igreja. Ambos ruínas e antigo cemitério,

---

<sup>1</sup> Historiador e doutorando em História na linha de pesquisa de Cultura e Memória na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, sob orientação do Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira. Possui mestrado em História pela Universidade de Brasília – UnB, na linha de História Cultural.

diante de um aparente abandono, chamaram minha atenção, pois evidenciei resquícios de velas que pessoas lá acenderam e ainda acendem, seja para lembrar seus antigos parentes enterrados ou mesmo em devoção aos santos que eram expostos.

Tal situação me provocou inquietação sobre os possíveis significados dessas práticas, motivando-me a pesquisar e estudar sobre tramas da memória e ressignificações de patrimônios histórico culturais. Memória, patrimônio e identidades foram, portanto, panos de fundo para minha construção dessa narrativa historiadora sobre o povoado de São Bento, evidenciando práticas culturais, costumes e histórias do cotidiano.

Em 2003, visitando o povoado para realização de entrevistas as quais trouxeram a tona diversos relatos analisados ao longo deste artigo, testemunhei um impasse entre os moradores católicos do povoado e o padre que celebrava as missas. O pároco defendia a alteração da data de festejo do santo padroeiro, afirmando inclusive, que tradições poderiam ser modificadas. Moradores católicos que viveram tempos mais antigos se revoltaram diante de tal posicionamento considerado um ato desrespeitoso. Contra o padre e sua nova proposta de data para o festejo, cogitaram a não realização da celebração de padroeiro como tentativa de desmobilizar os interesses considerados profanação das tradições. Diante de tais questões, perguntava-me quais os sentidos que as ruínas e a festa de padroeiro poderiam ter para diferentes moradores no povoado de São Bento? Como essas referências oriundas da história, das práticas culturais e religiosidade são (re)apropriadas nos processos de construção e afirmação de identidades e patrimônios no povoado?

As identidades culturais traduzem relações de pertencimento e diferença, trazendo a tona referências culturais e históricas que permitem compreender posicionamentos e múltiplos significados para as práticas culturais que delineiam um campo social no qual grupos e coletividades afirmam projetos de sociedade. “Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”.<sup>2</sup> Podem ser expressadas desde a partir do cotidiano de pessoas comuns, suas práticas culturais, discursos, imagens, representações sociais, como também de projetos político-econômicos. Refletem todo um conjunto de experiências históricas que remetem memórias do passado e dão sentidos às experiências do presente.

---

<sup>2</sup> WOODWARD, 2000. In: SILVA, 2000.

Segundo Stuart Hall<sup>3</sup> as identidades são comumente abordadas sob duas perspectivas: 1) uma categoria fixa e essencialista, a exemplo de uma identidade nacional, ocultando as diferenças e promovendo uma síntese homogênea da sociedade; 2) uma celebração móvel ou categoria em aberto que podemos evidenciar um jogo de tensões e disputas sociais no qual a própria história e cultura se processam. Chama atenção ao fato de que as identidades fixas que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, hoje estão em processo de transformação e fragmentação. Há então, movimentos de instabilidade que produzem possibilidades de outras configurações identitárias, evidenciando tensões sociais e culturais.

Opero as identidades como categorias móveis cujos processos de afirmação e diferença trazem a tona a História, a memória, a cultura, territórios de práticas culturais, e patrimônios. Estes possibilitam afirmações de pertencimentos e do mesmo modo a diferença, negando outras referências e possibilidades de pertencimentos. No caso de São Bento, as identidades emergem por diferentes imagens, discursos e narrativas, sejam nos usos do passado quando há processos de rememoração aos tempos anteriores a transformação da igreja em ruínas, sejam nas festas e ritualizações católicas. Essas identidades também são construções instáveis, sobretudo em momentos como a proposta de mudança na data costume da festa de padroeiro trazendo à tona a possibilidade de perda de referências do passado e das próprias experiências de vida de diversos atores sociais que perpetuam tradições herdadas de outras gerações. O próprio povoado de São Bento é um território de múltiplas referências, revelando patrimônios e diferentes identidades em disputa.

### **O povoado de São Bento: território de múltiplas referências identitárias**

Nesse povoado, reconheço identidades que tomam como referências, entre outras, pesca, praia, religiosidade e experiências de antigos moradores católicos.

A existência de grupos de pescadores nesse povoado traz à tona a pesca como forte referência de identidade para os que utilizam essa atividade como fonte de sustento de suas famílias. As técnicas tradicionais de pesca são perpetuadas de geração em geração. Não há utilização de instrumentos modernos como grandes barcos pesqueiros mecanizados. Utilizam pequenas jangadas durante suas atividades pesqueiras. As redes são produzidas na praia pelos

---

<sup>3</sup> HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. 7<sup>o</sup> ed. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

próprios pescadores. O pescado é destinado tanto para a mesa dos moradores locais, quanto vendido para bares e restaurantes que os utilizam como uma iguaria da culinária local.

Do mesmo modo, a coleta do marisco, sendo este um molusco retirado das conchas do mar. Essa atividade é cena cotidiana no povoado durante a alternância das marés, que ao recuarem o mar possibilitam encontrar o marisco na praia. Diversas famílias sobrevivem do catar do marisco. Dessas atividades, emergem as identidades “pescador” e “marisqueiro” no povoado de São Bento.



FOTO 01: Pescador produzindo sua rede à beira da praia no povoado de São Bento.  
Foto: Marcelo Góes Tavares, 2003



FOTO 02: Praia de São Bento no litoral norte de Alagoas, município de Maragogi. Paraíso natural com cenário paradisíaco.  
Foto: Marcelo Góes Tavares, 2003



FOTO 03: A coleta do marisco na praia de São Bento.  
Foto: Marcelo Góes Tavares, 2004.

O turismo também traz a tona outra expressiva referência identitária atribuída ao povoado. Evidencia potencialidades econômicas explorando os recursos naturais disponíveis, sobretudo utilizando-se a praia como um cenário paradisíaco. Sites na internet e pacotes turísticos se referem a São Bento como um lugar de paz e tranquilidade, onde o turista poderá desfrutar de um singular momento no paraíso. A construção de pousadas e restaurantes nas proximidades da praia traduz o ideal de concretização dessa potencialidade, fortalecendo a vocação turística.

Entre os moradores, há um processo de apropriação dessa referência. Os biscoitos de goma em formato de conchas do mar produzidos em São Bento, são vendidos como produtos turísticos em diversos estabelecimentos comerciais na região ou nas margens da rodovia que passa pelo povoado. Famílias produzem o biscoito como alternativa de complementação da renda, sendo os principais clientes, visitantes, turistas e passantes.

Quanto à religiosidade em São Bento, o catolicismo promove a referência ao passado, a origem do povoado e as principais tradições a exemplo dos festejos de padroeiro. O próprio fato do nome do povoado ser o mesmo de um santo católico confirma a expressividade dessa referência. O povoado surgiu a partir da construção da igreja que hoje se encontra em ruínas. Esta construção, provavelmente ocorreu entre o final do século XVII e início do século XVIII<sup>1</sup>. Em 1718 São Bento foi elevada à categoria de sede de paróquia, sendo esta subordinada a Porto Calvo, segundo mais antigo foco de povoamento do território de Alagoas, sul da Capitania de Pernambuco.



FOTO 04: Ruínas da Igreja de São Bento, em Maragogi – AL  
Foto: Marcelo Góes Tavares, 2004.



FOTO 05: Antigo cemitério localizado ao lado das ruínas da igreja no alto do outeiro, tendo aos fundos, a vista para o mar.  
Foto: Marcelo Góes Tavares, 2004.

Segundo Albuquerque o espírito religioso foi preponderante no povoamento do Brasil e Alagoas.

Vários de nossos municípios (alagoanos) tiveram suas origens em ações movidas pela fé. Alguns por uma imagem encontrada, outros por uma cruz e até mesmo uma conformação na casca de uma árvore ou numa pedra. Ali um devoto erguia um nicho, a devoção se propagava, começavam as romarias, apareciam os comerciantes que logo procuravam ali se fixar. Do nicho faziam uma capela, outras pessoas vinham habitar nas proximidades e em pouco tempo o povoado estava se desenvolvendo.<sup>4</sup>

O povoado de São Bento permaneceu nessa condição de sede de paróquia até 1875<sup>2</sup>, quando Maragogi já emancipada politicamente de Porto Calvo, passa a exercer esse papel. Diante dessa referência histórica, a religiosidade católica se estabeleceu no povoado como uma forte tradição local, trazendo a tona a historicidade e histórias de origens desse povoado.

Na tradição oral, relatam-se que a igreja surgiu a partir do pagamento de promessa de um retirante que vinha do sertão e parou para acampar no alto do outeiro. Em virtude das adversidades da viagem, em especial uma serpente que trouxe perigo à sua vida, pediu a proteção ao santo São Bento e foi atendido. Como forma de agradecimento pela graça a ele concedida, construiu uma igreja no alto do outeiro com o nome de seu santo protetor, neste caso São Bento. Desse modo, ao mesmo tempo em que o santo se configura como santo padroeiro no povoado, o outeiro passa a ser um espaço e referência ao passado. O Santo passa então a proteger todos que ali habitam, merecendo ser rememorado e celebrado a cada ano por suas graças concedidas aos fiéis.

A partir de referências como estas, foi constituída toda uma tradição religiosa, legitimada no nome do povoado, na própria história e no santo que a todos protege. São práticas culturais presentes no cotidiano e em diferentes cenários sociais que compõem o povoado.

As festividades católicas nesse povoado é um exemplo dessa referência identitária através da qual são (re)elaborados costumes e práticas por pessoas que participam dessas tradições no passado ou mesmo se apropriam no presente, sejam pelos católicos ou os que se utilizam da festividade como um atrativo turístico. Nessas festividades são exaltadas tanto crenças católicas como rezas, missas, novenas e procissões, como outros atrativos locais como praia, culinária, danças, música, a festa em si, entre outros. A atual festa de São Bento

---

<sup>4</sup> ALBUQUERQUE, Isabel Loureiro de. **História de Alagoas**. 2ed. Maceió: SERGASA, 2000. p.45.

é, segundo moradores católicos locais, dividida em duas representações: a festa religiosa, oriunda dos tempos mais antigos e voltada à comemoração do santo São Bento; e a profana, como festa de rua, contando com a participação de diferentes categorias, que não somente católicos. Em ambas dimensões, é uma das festas mais expressivas do litoral norte de Alagoas.

Desse modo, posso perceber que questionamentos quanto às possíveis construções de representações de identidades em São Bento refletem, sobretudo, múltiplos significados configurados a partir de práticas culturais no cotidiano e na própria história. Segundo WOODWARD as identidades são marcadas por sistemas classificatórios que muitas vezes configuram campos de disputa e tensão social. Portanto, eleger aqui uma unidade cultural e identitária para o povoado significaria homogeneizar referências culturais e ocultar as diferenças. Dessa forma, tornaria invisível toda essa diversidade de (re)arranjos sociais e suas tensões ou negociações, nos quais são construídos diversas configurações sociais e por conseguinte, identidades. Seria o próprio silenciamento do termo plural sugerido na palavra *alagoas* para designar metaforicamente ao território alagoano a sua diversidade cultural.

### **Trilhas metodológicas, tramas narrativas**

Entre as referências identitárias construídas no povoado de São Bento e levando em consideração as tradições religiosas no povoado, tomo como foco central de análise para compreensão das relações de pertencimento, as experiências de vida de antigos moradores católicos. Esses tomam para si, o papel de guardiões das tradições, perpetuando práticas culturais dos seus antepassados para as gerações recentes. Seus relatos revelam práticas culturais no passado e presente, de modo dar visibilidade a historicidade do povoado e seus sujeitos históricos-culturais. Partindo desse foco, priorizo falas e representações que expressam sentimentos de pertencimentos capazes de traduzirem o universo social e cultural do povoado.

Utilizando a história oral, memórias e histórias do passado e presente vieram a tona, permitindo o registro de relatos orais. Compreendo a história oral como sendo” [...]a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”.<sup>5</sup> Partindo dessa abordagem metodológica foi possível identificar nas diferentes falas dos narradores, um *modus vivendi* em São Bento, bem como interpretar representações e significações de diferentes experiências históricas, entre

---

<sup>5</sup> THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.09.

elas, o outeiro, a praia, o cotidiano, a festa de padroeiro comemorada ano após ano, entre outras. “Aquele que conta transmite um saber, do qual quem ouve pode tirar proveito, uma sapiência prática, que pode tomar a forma de um produto sólido e único, de uma moral, de uma norma de vida[...]”.<sup>6</sup> Desse modo, elementos, que até então se encontravam silenciados, como a história de pessoas que (re)elaboram todo um conjunto de modos de vida, são disponibilizados para uma outra leitura de processos históricos e sociais vividos neste povoado.

Ouvi e registrei diversos narradores durante o ano de 2003 e 2004. As entrevistas seguiram um roteiro que possibilitou articular diferentes histórias de vidas e temas como o cotidiano no povoado, tradições e costumes, religiosidade, festas, patrimônio, entre outros possíveis desdobramentos que surgiram durante a realização das entrevistas.

Uma vez estabelecido um caminho através da oralidade, também foi possível abrir vias de acesso para a sistematização e confrontação de múltiplos saberes, muitas vezes em conflito. No cruzamento de diferentes possibilidades de histórias, priorizo as falas dos narradores que entrevistei, que por outro lado também passam a ser meus interlocutores na interpretações dos processos de construção de identidades em São Bento expostas nessa narrativa. Tornam-se visíveis, os olhares dos sujeitos da cultura e de sua própria história, *o ponto de vista do nativo*<sup>7</sup> em uma interpretação simbólica do mundo.

Esses relatos, proporcionam também pontes entre o presente e o passado, conferindo acesso aos sentidos das práticas culturais no cotidiano, sobretudo por parte dos moradores católicos mais antigos desse povoado que ainda (re)vivem esse passado expressado por suas lembranças e esquecimentos. Desse modo, diversas referências históricas foram e são construídas, a partir dos significados possíveis que as ruínas da Igreja de São Bento possam ter para aqueles que ali tiveram e têm experiências sejam individualmente, na família ou na comunidade a qual compartilha uma crença comum.

Priorizei durante as entrevistas, a produção de relatos de pessoas idosas católicas que sempre moraram em São Bento, ou que, mesmo não sendo nativos, foram viver neste povoado há muitos anos e/ou vivenciaram experiências na antiga igreja. Essa delimitação teve como intenção categorizar uma identidade cuja referência central entre os entrevistados se deu pela aproximação nas crenças e manifestações religiosas católicas nesse povoado. É uma

---

<sup>6</sup> **História Oral e contemporaneidade.** In: HISTÓRIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História Oral. Nº 5. São Paulo: ABHO, 2002.

<sup>7</sup> GEERTZ, Clifford. **O saber local.** Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, 2004

categoria social que se diferencia entre as demais existentes, sobretudo evocando o passado e atribuindo sentidos aos diferentes espaços onde práticas culturais são perpetuadas desde os primórdios do povoado. Não cabe aqui, a intenção de homogeneizar identidades ou relações de pertencimento a partir da análise de uma única referência de pertencimento. Trata-se de um recorte que me permitiu perceber como os entrevistados compartilham uma religiosidade comum desde os tempos de seus antepassados mais antigos. Interpreto, a partir das experiências desse grupo, as possibilidades de deslocamentos de diferentes sentidos e experiências para o tempo presente.

Em cada entrevista, interpretei valores e sentidos atribuídos ao universo cultural e social que os cercam, a relação de cada um com as ruínas existentes no outeiro, com o cotidiano no povoado de São Bento, com seus santos e com a praia. As narrativas apresentadas são analisadas e intercambiadas com o uso da fotografia de modo a ampliar a percepção e sensibilidade do leitor acerca das identidades e saberes expostos através da oralidade.

Desse modo, posso compreender como identidades são elaboradas no cotidiano a partir de histórias de famílias e de relações de fé, histórias do povoado a partir da construção de uma igreja que posteriormente se transformou em sede de paróquia e ruínas, de experiências sociais no povoado revelando o trabalho e a sobrevivência, as festividades, e as múltiplas representações de costumes e tradições locais. Neste último caso, refiro-me à Festa de São Bento que durante seu transcorrer é uma referência aglutinadora de diferentes identidades, pessoas, espaços e temporalidades, desde tempos mais remotos, anteriores à própria existência dos entrevistados.

### **Tempos móveis, abertos e entrecruzados na narrativa histórica e processos de construção de referências e patrimônios culturais**

Logo após a realização de minha primeira entrevista, fui surpreendido por Dona Rosália, uma senhora a qual havia registrado suas memórias minutos antes. A mesma se oferecia para abrir as portas da igreja localizada na praia, logo em frente à sua casa, onde ainda se encontram imagens de santos que eram expostos na antiga igreja hoje em ruínas. Pediu que registrasse os santos em fotos antes que se perdessem como outras imagens que desapareceram do povoado, ou a própria igreja em ruínas, localizada no outeiro. A possibilidade da perda significa nesse momento, o apagar de uma memória, de referências do passado, assim como também dos sentidos para o presente.

A memória está presente em tudo e em todos. Nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências, a partir de resíduos deixados anteriormente.<sup>8</sup>

A memória reflete tudo aquilo que nos é transmitido na relação presente-passado. Ela nos ajuda a compreender o que fomos e o que somos, bem como o que pretendemos ser. Mas tomar a memória como referencial de existência, não é apenas uma mera exposição de pertencimento e nem tão pouco uma espécie de um mito fundador de culturas. Tomá-la como referencial é refletir sobre experiências sociais e a suas construções de sentidos no presente.

Logo depois, fui informado que o pai de Dona Rosália foi quem doou o terreno para a construção da então nova igreja na praia, como forma de salvar os santos da igreja do outeiro que no seu tempo se encontrava em processo de ruínas. Dona Rosália, assim como seu pai, se colocava também como uma guardiã da memória e das tradições de sua comunidade. Situações como esta me permitem estabelecer mediações entre identidades e memórias, de modo a trazer à tona representações do passado e experiências que são rememoradas através de narrativas pelas quais o passado se entrecruza com o presente.

A partir das entrevistas neste trabalho, diferentes tempos e espaços ganharam possibilidade de evidência, produzindo representações de experiências em tempos antigos e presentes. Ao intercambiar por entre distintas temporalidades, medimos

[...] não só o futuro que não é, mas o passado que não é mais, nem o presente que não tem extensão, mas os tempos que passam. É na própria passagem, no trânsito, que é preciso buscar ao mesmo tempo a multiplicidade do presente e seu dilaceramento.<sup>9</sup>

O tempo sendo uma criação humana é também uma construção permeada por significações. Durante a realização das entrevistas, deparava-me a todo momento com tempos que se deslocavam e se cruzavam através de diferentes espaços e contextos sócio-históricos. *Tempos do outeiro* e *tempos da praia* são temporalidades instrumentais cujas referências identificam os espaços outeiro e praia onde ocorreram experiências de meus narradores. Esses espaços não são fixos. Modificam-se, sendo a eles atribuídos outros sentidos. São construções

---

<sup>8</sup> SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003. p.25-26.

<sup>9</sup> RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. São Paulo: Papyrus, 1994. p.35.

relacionais a partir das experiências sociais que neles se realizam, atribuindo-lhes significados.

Tempos e espaços em São Bento são móveis e abertos. Ao desconstruir a cronologia rígida, livro-me do engessamento que constantemente interpreta a história e afirmam as identidades e os patrimônios como categorias fixas e essencialistas. Ao tornar tempos e espaços variáveis e cambiantes, possibilito idas e vindas às diferentes configurações históricas que se entrecruzam no passado, presente e futuro. O tempo e os espaços como referências culturais ganham sentidos a partir da experiência humana e nos ajudam a compreender a construção das identidades culturais e patrimônios como resultados de processos históricos e sociais.

### **Memórias e histórias entre Outeiro e Praia: significação de patrimônios**

O outeiro é representado pelos antigos moradores católicos do povoado como um local de memórias e experiências que remetem aos tempos remotos. É um local que estimula a rememoração do próprio passado.

A minha mãe contava que aquela igreja foi feita assim, era bem pequenininha quando fizeram. Porque ali era uma mata virgem. Aí, disse que descia uns boiadeiro, descia do sertão com as boiada pra praia, pra vender, né. Quando uma vez dessa , se arranchava. Tinha uns pé de pau, eles se arranchava. Quando escurecia eles armavam a rede e deitavam. Aí, uma vez, uma cobra, ele dormindo e o empregado dele viu quando a cobra ia entrando pela perna. E ele dormindo na rede, a cobra ia entrando na perna da calça dele. Aí ele foi, e pegou-se com São Bento que se a cobra voltasse e não mordesse o patrão dele, ia subir e quando descesse do sertão ia fazer uma igreja pra ele. Ia trazer o São Bento e botar ali. E fez, né, pequenininho. Aí eu ouvia minha mãe contar assim. (TIA MARA, 2004)

Ao convergir às narrativas com a fotografia, tornam-se evidentes aspectos do cotidiano e condições de vida no povoado. Casas de sapê ou barro cobertas com palha ainda hoje compõem o cenário arquitetônico e social em São Bento. Ao analisar a fotografia, podemos inferir representações desse cotidiano durante um ato cívico. Os garotos desfilavam com chapéus de palha, alguns descalços e outros de sandálias, e ao fundo, uma casa com cobertura de palha. Uma condição social não muito privilegiada em termos de posses materiais.



FOTO 06: Desfile de crianças no povoado em comemoração do dia 7 de setembro.

FOTO: Autor e data desconhecidos. Foto cedida por Dona Alaíde e Pedro Ireño.

Diante dessa situação, os moradores relatam as condições de moradia, de alimentação, e prática de atividades ainda hoje presentes no povoado. Expressam um cenário característico de comunidades tradicionais e pesqueiras no litoral norte de Alagoas.

A vida aqui, o povo vivia de pesca e da caça. Descascar coco, furar coco, e a pesca. Toda vida. (Sr. DILSON, 2004).

Muito atrasado ! Atrasado assim, aquelas casinhas tudo de palha, aquelas casinhas do povo tudo pobrezinha. Muitos comendo caranguejo, siri, no marisco, esperando o peixe na rede, porque eles não tinham trabalho... (DONA NELITA, 2004)

O povoado aqui começou com poucas casas, casas de palha assim coberta de palha, muitos era arrochadinha de palha. Alguma por ali por trás, salteada, assim dentro do mato que, era muito mato por ali. Aí eu lembro, quando eu era menina, [...] ali tudo era coqueiro. (DONA ROSÁLIA, 2004)

Essa condição de vida no passado promove uma maior comoção entre os antigos moradores católicos, sobretudo quando suas próprias histórias de vida são vistas por eles como histórias de lutas pela sobrevivência e superação de dificuldades do cotidiano, conforme podemos perceber no relato abaixo que traz as condições de trabalho no povoado.

... contavam muitas histórias lá de cima, [...] e a avó levava elas pra noite de natal, levava lá pra cima, pra festa, elas faziam bolinho pra vender lá em cima [...] O pessoal aqui, vivia assim: uns pescava, outros fazia, minha mãe mesmo fazia trança pra fazer chapéu, aqueles chapéu de palha né. E ensinou a gente fazer também, eu e minha irmã. A gente fazia também. Aí ela (a mãe) costurava o chapéu e vendia. Outras costurava. Outras ficava no marisco pra sobreviver né. Todo mundo trabalhava. Agora depois é que veio

negócio de bolo de goma, aí todo mundo, a maioria tudo faz bolo de goma. Muitas meninas trabalham com negócio de bolo de goma. Agora tem a fábrica, já veio outras coisas, vem aparecendo mais um trabalhozinho melhor. Mas o trabalho era fazer trança de chapéu. Fazia esteira de pipiri, a minha mãe fazia também. Cortava o pipiri e minha irmã fazia a esteira em casa. É um negócio de fazer esteira né. É só esteira que deita assim, que bota assim pra deitar, aí vem umas varinha assim, aí corta no pé e corta em cima e bota pra secar e traz pra casa e faz esteira. Ainda tem muita gente que faz por aqui, ainda tem um bocado de gente que faz essas esteira. Eu tinha uma tia que ela fazia o biscoito, chamava sequilha né, aí ela fazia. E quando foi depois, uma moça que morava lá no final, que era sobrinha do seu Aiá, aí ela começou a fazer pra vender, tirava pra Recife. Depois o povo tomou conta. Um fazia, outro fazia, aí todo mundo começou a fazer por aqui, muita gente já deixou, mas eu mesmo faz mais de 20 anos que faço. É, faz mais de 20 anos que eu faço. Essa mesmo que fazia, uma já morreu né, era Amália, mas a prima ficou e ainda hoje tem a fábrica de biscoito e bolo de goma aqui. (TIA MARA, 2004)

As condições precárias de vida também podem ser evidente em outros relatos, como apresentado por Dona Nelita.

A minha infância não foi muito boa não ! [...] A gente não aproveitou a infância. Antes não tinha tempo pra brincar. A gente só tinha tempo de trabalhar. É que nem São Bento: orar e trabalhar. O nosso tempo era esse. Era orar e trabalhar. A gente fazia de tudo. A gente fazia farinha, plantava arroz, panhava<sup>3</sup> arroz, plantava feijão, e finalmente a gente só descansava no domingo. [...] A gente morava num sítio. A infância da gente foi muito ruim. (DONA NELITA, 2004)

Desse modo, o rememorar o passado além de representar a superação das dificuldades, também expressa as lembranças de seus parentes, momentos de alegrias e práticas culturais ainda hoje existentes, porém transformadas pelo presente. São experiências sociais que permitem revelar outras práticas culturais e costumes, tradições como as cerimônias de crisma praticadas desde os tempos em que a antiga igreja ainda era utilizada para celebrações de missas.

Falar sobre as festas. Não tinha só a festa do padroeiro como tinha das outras imagens. Tinha festa no mês de setembro, no mês de fevereiro, no mês de março que é do São Bento 21 de março, 1º de Janeiro que é do Bom Jesus, no natal né... Tudo era festejado lá em cima com candeeiro, com aquelas tocha. Nessa época não tinha energia e era bem participado. [...] Se juntavam uma turminha de moça e dois ou três, e saía por Porto Calvo, Barreiros, Matriz, tirar comissão<sup>4</sup> né, fazer comissão, e faziam a festa. A festa era muito animada, com orquestra e tudo. [...] O padre vinha celebrar a missa e há muitos que acompanhavam a procissão, né. E o pessoal da comunidade terminava a festa.

MGT: E depois que construíram a Igrejinha na praia ? Como essas festas passaram a acontecer?

Só a missa, a missa de Natal. E a festa só a do padroeiro, também só era que tinha. E fazia as nove novenas, e fazia a festa com orquestra. Depois tinha a banda, né, pro povo se divertir. E terminava a festa né. (DONA ROSÁLIA, 2003)

As festividades católicas em São Bento é o momento de maior rememoração do passado e de costumes elaborados a partir de um conjunto de práticas culturais reproduzidas nas experiências cotidianas. Havia nos tempos do outeiro, várias festas, uma para cada santo da igreja em São Bento. Estas festas, além da religiosidade, também trazem a tona laços de afetividade nessa comunidade.

Me marcou muita coisa. Namorei um pouquinho lá no outeiro. Tem muita coisa marcada quando agente ia pra festa... A festa, as amizades que agente tinha junto. Tinha as amigas. Agente ficava muito junto. Aí eu tenho muita coisa marcada no outeiro. Me lembro de meu pai porque festejou muito. Me lembro da minha irmã que gostava muito também. Então choro todo ano, todo ano. Porque quando eu nasci já encontrei. (DONA NELITA, 2004)

Nos tempos da praia, pode-se perceber mudanças nas práticas culturais. Estas ao mesmo tempo que atualiza garantindo a perpetuação, também traz a possibilidade de perda dos costumes, colocando em risco o passado e a memória. Configura-se, desse modo, tensões entre os moradores, sobretudo diante da possibilidade de alteração de suas tradições, a exemplo da proposta de mudança da data dos festejos de padroeiro em 2003.

Porque desde o tempo do começo da igreja que é 21 de março. Ele (o padre) queria mudar e disse que a festa de São Bento é no mês de julho. Queria mudar pra um dia de domingo, porque aí ia ser no dia 23. Agente não quis. Eu disse que tinha que ser no dia 21, e brigou eu mais ele. Foi uma confusão ! E foi pra Maceió, denunciar em Maceió, e ele foi chamado lá pra Maceió. Daí terminou ele, a gente fez. Quatro, faltava quatro dias, ele disse que a gente podia fazer no dia 21. Aí a gente fez. (TIA MARA, 2004)

Sua alteração somente é permitida em situações excepcionais, porém justificadas por razões também religiosas e tradicionais, como a coincidência entre os festejos de São Bento com a Quaresma. A Festa de São Bento é comemorada nesse povoado todo ano, tendo como referência de data, o dia 21 de março. É uma ritualização religiosa oriunda de tempos mais antigos, embora transformadas por experiências do presente e outros tempos. Configura também um momento privilegiado de rememoração do passado.

Ano após ano pessoas se mobilizam para a realização da festividade. No término da festa são escolhidos os responsáveis para organizarem a realização desta no ano seguinte. Com estratégias como esta, busca-se garantir sua perpetuação ano após ano. A mobilização

dessa organização é feita a partir dos próprios moradores católicos que negociam com o padre nesse povoado, congregando todos os fiéis ao Santo padroeiro do povoado.

Agente faz uma reunião com o padre, pra ele dizer como é que agente faz. As vezes é treze noites, nove noites, faz treze, faz nove, aí cinco na rua, tal noite, tal dia, aí a Rua Samuel Ribeiro de Albuquerque, aí é aqui nessa rua, na Camacho, aí faz lá na Camacho, e assim vai. Aí cada um que anime a sua rua. Aí tem as novenas e São Bento acompanhando. [...] A gente dá os envelopes, e eles dão os envelopes com dinheiro. Aí agente ajeita aquele dinheiro todo. O menino leva (o envelope) pra Maragogi, distribui lá na prefeitura e traz, aí a gente ajunta tudo e faz. Agente compra fogos, compra tudo que tem precisão pra festa né, pra organizar a festa. (TIA MARA, 2004)

Era organizada porque a gente botava uma pessoa para tomar conta. Sempre tinha. Quando terminava aquela festa, para fazer do outro ano chamava o tesoureiro, aí passava pro outro tesoureiro. O padre só fazia celebrar a missa. O povo era quem fazia a festa. O padre não ajudava em nada. (PEDRO IRENO, 2004)

Tia Mara e outros narradores evidenciam em seus relatos, indícios da luta pela defesa de seu patrimônio histórico e cultural, sendo este composto não somente pelas tradições, mas também por sua própria historicidade e dos demais membros que compartilhavam sentimento comum. Justificam terem herdado os costumes de seus pais. Além do que, momentos como a festividade permitem não só reprodução da tradição religiosa como também as lembranças do passado, de histórias de famílias e da própria comunidade. Quando indagados sobre os significados do outeiro, das festas, e de suas experiências na antiga igreja em ruínas, os antigos moradores católicos respondem:

Porque desde que eu nasci, me criei aí, a festa era lá em cima. Tinha outra igreja lá no começo, mas já foi construída, já depois né. Que aqui era a paróquia, era aqui em São Bento, era a paróquia, era a igreja de São Bento. Depois que passou pra Maragogi, porque a igreja caiu, aí passou pra Maragogi. Mas a paróquia era lá em cima. Os padres quando vinham, as vezes vinham uns que ficava lá em cima, morando na casa da festa, e depois que começou a cair, ninguém se incomodou né, aí acabou-se a igreja. Eu acho que tem tudo né. Tem todas as lembranças, porque a minha mãe, a minha vó, contavam muito as histórias que já foram, quando elas nasceram, que se criaram, os avós delas já levavam elas lá pra cima e elas contavam muitas histórias de lá de cima né. (TIA MARA, 2004)

Gostava mais lá de cima. Eu mesmo gostava mais lá de cima, de que daqui da praia. Se houvesse um meio de modificação, de construir uma igreja lá, melhorar mais a entrada. Se fizesse um negócio, eu voltava lá pra cima, lá pro outeiro, pra igreja antiga. Pra mim somente a tradição das festas, dessas coisas do povo, os entes queridos que estão enterrados lá. Eu mesmo faço parte disso. Tenho mãe, pai, não, pai não, mãe, avó e irmã enterrado lá. (Sr. DILSON, 2004)

É, o que marca é que traz muitas saudades né, das ruínas, daqueles tempos que festejavam lá em cima que era muito animado. Traz muitas saudades. É que lá, também tem os restos mortais dos nossos pais, né, de nossa família, né. Lá, ele ... abandonado né ! (DONA ROSÁLIA, 2003)

No tempo presente da praia, a rememoração desperta um sentimento de saudade e nostalgia dos tempos do outeiro, que apesar das dificuldades, também foram marcados por momentos de felicidade e passagens diversas nas histórias de famílias.

Mas eu tinha muita vontade que aquela igreja ainda fosse restaurada. Porque a gente quando nasceu já encontrou. Eu tenho lembranças de lá, porque foi quando, eu nasci já encontrei. Foi lá onde me batizei, batizei, tenho 4 filhos batizado lá. (DONA NELITA, 2004).



FOTO 07: Altar da antiga igreja, hoje em ruínas. No altar ficavam expostos imagens de santos.  
Foto: Marcelo Góes Tavares, 2004.



FOTO 08: Padre e filho de Dona Alaíde, uma das entrevistadas. Foto após cerimônia de crisma na antiga Igreja de São Bento, com o altar ao fundo.  
Foto: Autoria e data desconhecidos. Foto cedida por Dona Alaíde.

Através dos relatos orais, tramas identitárias tornam-se visíveis, sendo possível tecer suas significações enquanto construção e atribuição de sentidos às manifestações religiosas católicas em São Bento. Além desses, também foi possível visualizar rastros de uma cotidianidade, que se atualiza a partir da mudança e criação de outros significados. São memórias e experiências, que além de conferirem sentidos a um cotidiano, atualizam práticas culturais.

As experiências de vida, assim interpretadas, transformam os espaços outeiro e praia no presente em outras praias e outros outeiros entrecruzados com o passado. Desse modo, constroem-se não somente memórias do passado, mas referências de vida que constituem elementos de afirmação de identidades, sentimentos de pertencimentos e patrimônios para aqueles que os significam.

Moro aqui em São Bento porque a terra é boa. Repito, é aquela que você vive. Eu morava no Recife e mais alguns lugares. Me casei no Recife, vim pra aqui, morar aqui. Me dei bem graças a Deus. E aqui estou! Então São Bento é a minha terra. (PEDRO CHAVES, 2004)

A gente conversa muito, a gente relembra o passado das festas e tudo. Tem um grupo aí também da minha idade em diante, que só vai para isso, pra lembrar. (Sr. DILSON, 2004)

### **Entre identidades e patrimônios, experiências e histórias...**

Os moradores católicos de São Bento representam o outeiro como referência de suas práticas religiosas, relações de fé, lembranças de seus parentes mais próximos. A praia é o lugar onde viveram e vivem, (re)afirmado-a como local onde estabeleceram suas famílias, criaram seus filhos e hoje criam seus netos com a proteção que sempre veio e vem hoje transformada, da fé nos santos dos tempos do outeiro. Esses deslocamentos entre tempos e espaços estão presentes entre diversas narrativas dos entrevistados, entrecruzando praia e outeiro, tempos da praia e tempos do outeiro.

Ao operar esses deslocamentos presentes em suas falas, identifico também ações que visam garantir a perpetuação de legados e saberes desses antigos moradores católicos para gerações futuras. O passado, dessa forma, pressupõe-se presente no presente e futuro. Passado que ao ser atualizado com outras práticas e sempre rememorado, atribui sentidos a todo um modo de ser e viver em São Bento. Reforçam-se assim sentimentos de pertencimentos e valorização do patrimônio expresso em diversas referências, tais como: o outeiro, praia, festas, crença no santo padroeiro, imagens de santos, cemitérios, ruínas, o sino e a cruz da antiga igreja exposta na nova igreja da praia, a própria historicidade dos narradores fiéis ao santo e o povoado.

São todos constituídos por múltiplos significados que dizem respeito às experiências históricas e de vida desses antigos moradores católicos que trazem para si, a responsabilidade

de guardiões da memória, a exemplo de Dona Rosália que mantem as chaves da atual igreja na praia. Do mesmo modo os demais membros dessa comunidade que se dispõem, ano após ano, voluntariamente, a organizar as festividades de homenagem ao santo São Bento. Narrar experiências a partir do entrecruzamentos de tempos e espaços do outeiro e praia, entre ruínas e igrejas, tradições culturais antigas e atualizadas como as festividades e a própria religiosidade, implicam em dar legibilidade as histórias de vida e família como componentes de uma comunidade com laços de identidade em uma crença comum, afirmando assim seus patrimônios como elementos passíveis de proteção e valoração subjetivo e cultural. Os antigos moradores católicos de São Bento ao afirmarem a fé no seu santo padroeiro, afirmam também a própria história, suas e do povoado onde vivem e viveram seus antepassados.

---

<sup>1</sup> Não proponho aqui uma interpretação sobre as origens da Igreja ou do povoado. De todo modo, os indícios desse marco pode ser evidenciado no Livro de Tombo nº 01 da Paróquia de São Bento, disponível na sede da Arquidiocese de Alagoas.

<sup>2</sup> Referência consultada no LIVRO DE TOMBO nº 1. Registro das pastoraes. São Bento / Maragogy. No livro, encontram-se registros e relatos sobre a paróquia, o povoado e a região a partir do ano de 1847.

<sup>3</sup> Batia, separava da palha.

<sup>4</sup> Patrocínio, recursos.

LIVRO DE TOMBO nº 1. *Registro das pastoraes*. São Bento e Maragogy, 1847

#### **ENTREVISTAS E REGISTROS DE RELATOS REALIZADOS ENTRE 2003 E 2004**

Rosália Maria dos Santos (Dona Rosália).

José Ferreira de Melo (Sr. Dílson)

Pedro Ireno do Carmo

Mara Lima de Queiroz (Tia Mara)

Nelita Barros da Silva (Dona Nelita)

Pedro Chaves Coelho Chaves

Alaíde Silva do Carmo